

"Pela urgente transformação desta sala num Cine-Show"

Hoje, no Rio de Janeiro, uma casa de espetáculos causa sensação - o Cine Show de Madureira. Em Brasília, a pirâmide conhecida por Teatro Nacional, conserva os faraós embalsamados e só abre - sem risco, há que ressaltar - para as autoridades. Se o público comum e mortal adentrar na pirâmide, ele estará correndo grande risco. "pois as instalações elétricas estão dando mil e um curto - circuitos". Antes de chegar ao nó da questão, vale dar às autoridades, um lembrete: cuidado com o Teatro Nacional. Quem sabe na hora do curto - circuito, os fios confundem as ilustres e proeminentes figuras da República com míseros mortais e afiados.

Bem, falávamos do Cine Show de Madureira, que está movimentando o público carioca. Agora vem a reivindicação: os candangos também querem um Cine Show, que receba mortais e "imortais", que acolha artistas populares (eruditos), rapazes de chinelo ou de smoking, e por aí a fora. Para se criar o correspondente candango da democrática casa carioca, reivindicamos a urgente recuperação do Cine Cultura, tradicional reduto do cinema, que com "um banho de loja", fica um brinco.

Ontem, numa longa reportagem, publicada no CB, fontes oficiais e o gerente da empresa Paulo Sá Pinto, Deusdeth Burlamaqui, desfiavam suas razões para deixar fechado ou "abrir" (estamos ou não em tempo de abertura?) o Cine Cultura, entregue ao abandono e à ação implacável do tempo. Os burocratas alegam que não podem aceitar o funcionamento de um cinema em "área inadequada". Se assim agirem, entendem eles, estarão deturpando (vejam só quantos e tardios pudores!) o plano de Lúcio Costa/Niemeyer. Só que este argumento não convence nem estagiário de advocacia, discípulo e aprendiz da feitiçeira lei brasileira. Responder este argumento é muito fácil. Quando se destruir (cabe a nós protestar) o Cine Cultura, em seu lugar brotará uma loja, provavelmente um banco, já que há um em cada canto da cidade. Daqui, embora haja uma distância enorme dos criadores de Brasília, me atrevo a lhes pedir, **democraticamente**, que eles aceitem a transformação definitiva do Cine Cultura em cine-show. O plano de Lúcio Costa já foi mais do que dilacerado. A Avenida (Niemeyer faz questão de chamá-la **Via**) W - 3 é uma aberração. Ninguém respeitou os planos originais. Como aceitar das mesmas pessoas que deturparam o Plano Piloto, que eles agora usem esse argumento para destruir um **espaço cultural**, um dos raros que existem na cidade? Eu sei que é duro para Lúcio Costa e Niemeyer aceitar **mais uma** deturpação de seu plano. Porém, tudo leva a crer, pelas crenças democráticas do urbanista e do arquiteto, que eles preferem ver o Cine Cultura transformado numa casa de espetáculos do que em mais uma agência bancária. Destruir o Cine Cultura e em seu lugar erigir uma loja de ferragens, material de construção, banco, boutique, etc. é **deturpar duas vezes o plano de Brasília**. Quem gosta do fim dos espaços culturais são os hitlers, maccartis e falções da vida. Os artistas, como o arquiteto e o urbanista, gostam de casas de espetáculo, onde se pode ver e discutir a criação dos povos. (Bons tempos aqueles em que o Cultura exibia **Viridiana, O Anjo Exterminador** e outras preciosidades de Buñuel, etc.).

Quem quiser nos convencer que a 507/508 Sul não é área para lazer, terá que nos explicar como floresceram naquela mesma região, casas de espetáculo como teatros da Escola - Parque, Galpão, Galpãozinho e as Galerias "A" e "B" (uma exposição, se bem feita, é também um espetáculo. Ou Não?). Até que o Oficina do Teatro do Sesc aparecesse, costumávamos chamar a 508 Sul de "reduo da arte brasileira". Mesmo com os erros, incompreensões e outros vacilos dos "órgãos culturais", ali aportavam peças, shows, filmes e exposições importantes. Hoje, o Sesc tem segurados com muito mais dignidade, a função de animador cultural. Mas voltamos ao Cine Cultura e usemos um argumento que parece (as autoridades têm "explicações" para tudo. A maioria delas, porém, não esclarece nada e muito menos convencem) definitivo.

Na reportagem publicada ontem pelo CB, o repórter **Carlos Araújo** apurou de uma fonte do DLFO (Departamento de Licenciamento e Fiscalização de Obras) uma informação preciosa: Ei - la! A Fundação Cultural do DF não é regular neste órgão. (Entenda - se por Fundação Cultural, o complexo

Teatros Galpão - Galpãozinho - Escola - Parque, Galerias "A" e "B" e o finado Centro de Criatividade). Não há nenhum documento oficializando o seu funcionamento. Por isso, ela foge da competência do DLFO. Por outro lado, por ser órgão do Governo, a Fundação Cultural não precisa de alvará para o funcionamento de suas salas de diversão. Se uma escola particular quiser funcionar em barraco de madeira a gente não fornece o alvará. Mas se, se tratar de escola do governo, que vai dar ensino gratuito, a gente fornece".

Esta mesma fonte arremata que a FCDF sabe que está fora do zoneamento. Será, então que alguém permitirá que num país tão carente de espaços culturais, como o Brasil, se destruam os teatros da Escola - Parque - Galpão - Galpãozinho - Galerias "A" e "B"? É claro que não. Então por que destruir o Cine Cultura, se basta interesse da Secretaria de Educação (no tempo de Wladimir Murinho se construíram os teatros Galpão - Galpãozinho e o Centro de Criatividade, que acaba de morrer, vítima do desinteresse oficial. Seu enterro foi comemorado com alegria pela direção da FCDF) para transformá-lo numa casa de espetáculos polivalente. O cinema é enorme.

Sua localização é privilegiada. Um bom arquiteto pode transformar - má - lo nesse sonhado correspondente do Cine Show de Madureira (ninguém usa o Madureira como modelo, por ser produto do eixo Rio - São Paulo, mas sim por seu dinamismo como casa de espetáculo).

Se os responsáveis pela vida cultural de Brasília (no campo oficial é claro) tiverem um pingão de sensibilidade, eles começam, hoje mesmo, a estudar um plano de aproveitamento do Cine Cultura. Para dinamizá-lo, nada melhor que uma entidade interessada no desenvolvimento cultural da cidade. Estão aí, o Centro de Cultura Cinematográfica, a Associação Brasileira de Documentaristas, a Comissão de Cineclubes do DF, a Galeria Cabeças, a Cooperativa de Compositores e Poetas, etc e etc. Que tal, a Fundação Cultural gerir o futuro Cine Show da Cultura e aceitar a colaboração das entidades-cidadãs para transformá-lo numa dinâmica casa de espetáculos? (**Maria do Rosário Caetano**)

Brasília é da TV

Brasília, todos sabem, poderia ser uma cidade singular em todos os aspectos. Lúcio Costa que o diga: imaginava uma cidade quase transparente, iluminada, como um centro que gerasse até mesmo uma cultura lúcida e brilhante. Sonho de arquiteto? A depredação de Brasília é um fato concreto, apesar das aparentes construções que vão se erguendo cheias de vidros foscos. O descaço das autoridades com os chamados "espaços culturais" não vem de hoje. Basta dar um passeio de carro pela Concha Acústica, pela Ermida Dom Bosco, pelo Setor de Diversões e peças salas conservadas pela Fundação Cultural.

Ali, onde o Cine Cultura foi o primeiro teatro de Brasília, formou-se um núcleo espontâneo de casas de espetáculos, ao redor da sede da Fundação Cultural, Teatro Galpão, Galpãozinho, Centro de Criatividade, Teatro da Escola - Parque e Cine Cultura poderiam formar uma extensão harmônica de divulgação de espetáculos, concertos, shows, cursos, seminários e debates. Mas não só a Fundação Cultural deixou de administrá-los com inteligência, como também os artistas locais viram vedadas todas as portas.

Quando falo de cidade singular, lembro de maioria das cidades grandes ou pequenas onde há uma vida cultural mais efetiva que em Brasília. As salas de espetáculos estão localizadas mais ou menos num espaço concentrador, que é por onde o público faz suas opções, conversa e assim vai se formando o meio. Brasília não tem mais de três imensos conjuntos comerciais? Seria demais imaginar aqui um espaço contínuo reservado à divulgação cultural? Numa cidade sem representação política, as pessoas costumam raciocinar como se vivassem de aluguel, como se fosse um favor. O que não é de espantar na cidade das mordomias. Brasília é a cidade que possui mais auditórios no mundo. É só percorrer um por um todos os edifícios públicos. E, no entanto, passam fechados a maior parte do ano. Não fica muito difícil situar o abandono do Cine Cultural.

Como não fica difícil entender porque o Cine Brasília está sempre com a programação suspensa, porque o Teatro Nacional permanece fechado, porque a Concha Acústica fica entregue ao sabor das chuvas e

ventos do Lago. E nem porque, na generalidade, a população de Brasília só vê televisão. Em vez de um centro irradiador de novas idéias, ainda estamos mesmo é adormecendo no solo misterioso desse Planalto Central. No monumento e no momento. (**Celso Araújo**).

A FCDF pode

De acordo com as normas cumpridas pelo Departamento de Licenciamento e Fiscalização de Obras, órgão subordinado à Secretaria de Viação e Obras, o cine Cultura não pode existir como cinema. Segundo o Departamento, o Cultura está fora de zoneamento. Mas ao mesmo tempo o DLFO diz que não tem nada com isso, se a Fundação Cultural mantém suas casas de espetáculos e suas galerias de arte, na outra esquina. Então, a gente pode deduzir o seguinte: se o prédio do cine Cultura passar para o domínio da Fundação Cultural, que não precisa entrar na fila para conseguir um alvará de funcionamento, ela não será molestada pelos fiscais do DLFO. E certamente, a comunidade vai ganhar mais uma sala de espetáculos. E como a meta de Ruy Pereira da Silva é aumentar o número de espaços culturais no próximo ano, nada melhor do que a Fundação pleitar a posse da administração daquele espaço.

Difícil? Nada é difícil, quando se trata da vontade oficial. Para a Terracap, dona do prédio, só interessa resguardar o imóvel evitando assim que ele se transforme em reduo dos banguês - banguês e Kunguifus da vida. O cine Cultura pode e deve ser aproveitado como sala de espetáculos de bom nível cultural. E como a Fundação Cultural é imune aos naturais obstáculos da burocracia do GDF, é concebível e até racional, que administre a sala, não para transformá-la num minitemplo destinado aos festins dos deuses, como tem ocorrido com o Teatro Nacional. Mas dotá-la de condições tais, que o povo possa usufruir livremente, através de uma programação que atenda aos interesses da comunidade (**Carlos Araújo**).

Nova cultura

Brasília, além de ser "a capital da esperança", possui privilégios in-comuns para as demais cidades brasileiras: O traçado urbanístico, as

extensas áreas verdes, a própria natureza contrasta celeberramente com as "caixas de concreto" construídas para abrigar o povo democrático da Capital da República. No aspecto das artes, talvez nenhuma cidade brasileira viva atualmente uma espécie de animação cultural tão grande, tão evolutiva, tão descompromissada, quanto em Brasília. Os artistas estão espalhados nos "caminhos de ratos" desta frutífera existência, por entre as superquadras e entrequadras da vida. São os poetas, compositores e músicos a estimular o lance da criação, fazendo shows, promovendo debates, enfim, criando permanentemente novos poemas, novas composições. Os cineastas provocam as sensibilidades enrustidas com a reivindicação de um pólo cinematográfico para Brasília. Os grupos de teatro sucedem - se nos palcos festivos da cidade. Os artistas plásticos, até mesmo os das cidades-satélites, estão sempre reunidos para enfrentar o mercado. Todo mundo "tá querendo tá", como diz a música do festival Tupi. Todavia, o Cine Cultura, um espaço capaz de ser um veículo impulsor desses lances culturais, não tem vez como espaço aberto para a Nova Cultura. Seria uma sala cinematográfica, mas funciona como um salão domado para promoções beneficentes. Tais promoções são culturais, certamente. Mas a Nova Cultura, a abertura dos espaços culturais, ainda questiona por que não se transforma o Cine Cultura em algo válido, eficiente e dinâmico, para ser o canal adequado de manifestações culturais. Existe o espaço, mas ele é fechado. Por que, então, não abri-lo? Em tempos de aberturas políticas, culturais, nada mais sem significado do que um espaço vazio. Enquanto isso, as ruas vão sendo invadidas pelos jovens do Partido Ecológico, como se eles fossem os atores de uma nova era, em que o palco é a profundidade da rua. Se fôssemos livres o suficiente para aceitar as manifestações da Cultura, as ruas não estariam policiadas e seriam possíveis as passeatas com sabor de arte. O Cine Cultura, fechado como está, é um verdadeiro acinte às tradições culturais de nosso povo. Não vêm que o mestre Teodoro, por mais que lute contra o descaço dos homens, não perdeu as forças para sustentar vivo

o seu Bumba Meu Boi? É um lance exato, este: é preciso abrir, abrir o Cine Cultura para as suas reais finalidades. Ou seja, uma casa de espetáculos. Do contrário, do contrário continuará sendo um local para um bazar doméstico. Azar? De quem? É claro: bazar de inutilidades (**João Gualberto**).

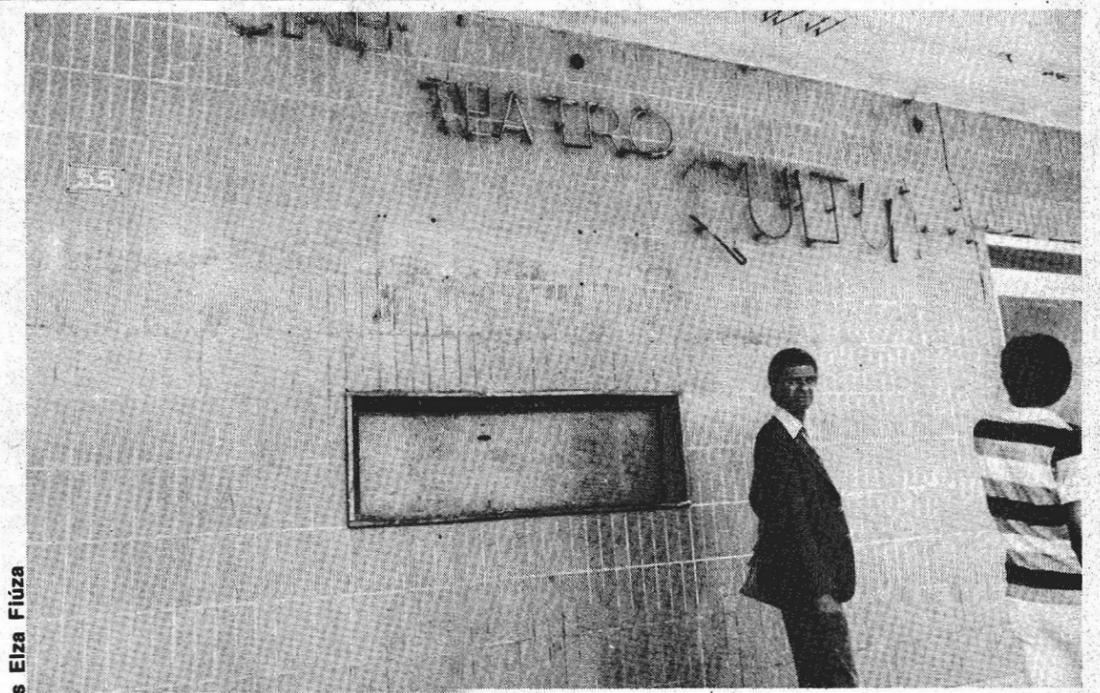
Broadway do cerrado

Motivos diversos espelham a necessidade de se aproveitar o espaço do Cine Cultura. O GDF fechou o cinema porque não é lugar adequado e sua permanência, alegam, iria deturpar o plano de Lúcio Costa. Como se o tivessem seguido à risca. Aliás, este mero item da questão bastaria para escrever linhas e linhas, laudas e laudas, um livro até, qualquer forma, é lamentável e doloroso imaginar o primeiro cinema de Brasília transformado numa agência bancária. Há quem já tenha a hipótese como certa. E depois da derrocada do comércio da W/3, a avenida (no plano original, apenas uma via) ficou condenada a enfileirar, sobretudo, bancos e agências afins.

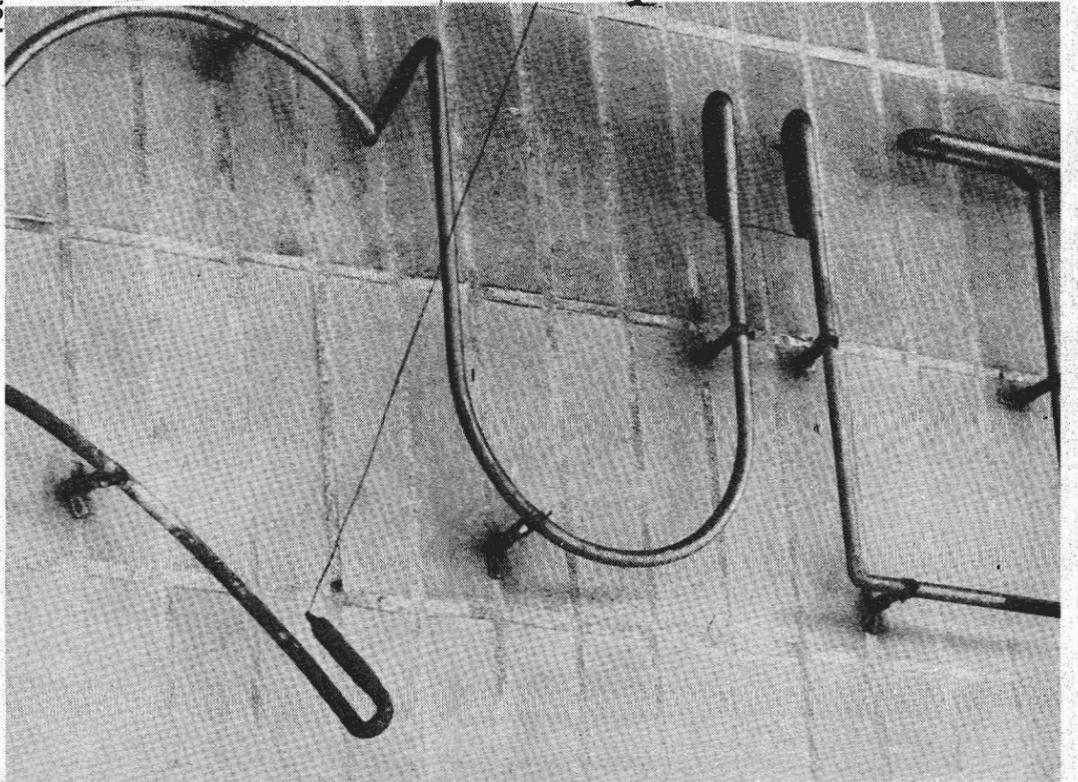
Se voltasse como cinema, teatro (ou cine - teatro) a abandonada sala tornaria a Broadway do cerrado; no mínimo, mais movimentada e atraente. A tal "Broadway" inclui a Escola - Parque, o Galpão, o Galpãozinho e as galerias da Fundação Cultural. Não consta, por sinal, que essas salas e galerias estejam no lugar certo. Ou será que ainda não implicaram com o Galpão e Galpãozinho por que suas entradas ficam na W/2? Bem se assim for está resolvido: vamos reativar o cine - teatro Cultura, tal como se chamava antigamente, com as portas para a W/2 e não para a W/3.

Ou será, por fim, que, em vez de agência bancária, o ex - cine - teatro Cultural vai acabar como sede das chamadas damas de caridade?

Se o negócio é esse, tudo bem. Ali, então, poderíamos ver de Godard a Humberto Mauro, de Vianinha a Arrabal, além de shows como o que Elis, à falta de outra sala, apresentou no Cine Brasília. Ou será, por fim, que em vez de agência bancária o ex - cine - teatro Cultura vai acabar como sede das chamadas damas de caridade?. (**Sérgio Bazi**).



Fotos Elza Fiúza



Há ou não espaço para a Cultura, no Cine Teatro Cultura?